



# CARNÉ

patriarcado e capitalismo

kiwi companhia de teatro



Legalizar  
**ABORTO**  
Derecho a decidir sobre tu cuerpo y tu vida  
www.legalizaraborto.es

JÁ

# classe, gênero e teatro

A análise da realidade e dos indicadores sociais brasileiros mostra um quadro alarmante sobre a situação das mulheres: salários inferiores aos dos homens para funções equivalentes; violências de todo tipo, das agressões domésticas aos estupros e crimes considerados passionais; visão sexista dos meios de comunicação, em especial através da publicidade; realização de abortos sem amparo médico ou psicológico por parte do Estado; exploração sexual, inclusive na infância e adolescência; assédio e humilhações no ambiente de trabalho e nas ruas; número insuficiente de creches e de vagas no ensino fundamental (que confinam ainda mais as mulheres ao âmbito privado e doméstico); tráfico de meninas e mulheres; participação desigual nos espaços políticos de representação; desrespeito à livre orientação sexual; ordenamento jurídico discriminatório; jornadas duplas ou triplas de trabalho.

No âmbito internacional é preciso mencionar o feminicídio em lugares como Ciudad Juárez, os estupros utilizados como arma de guerra, as mutilações genitais e os casamentos forçados frequentes em numerosos países. Diante desta situação é evidente que o teatro deveria incluir a reflexão sobre gênero no conjunto das suas preocupações, dedicando atenção especial às diferentes modalidades de opressão exercidas sobre as mulheres e às formas de organização e resistência dessa parcela majoritária da população. Na linha direta de um sem-número de reflexões sobre as articulações entre capitalismo e patriarcado, embora ainda insuficientes diante da importância do fenômeno, outra ação teatral seria a de revelar o mecanismo de mútua alimentação – exploração de classe ↔ opressão de gênero – que mantém, amplifica e naturaliza este ciclo de violências. Iniciativas como o Estatuto do Nascituro, a flexibilização da Lei Maria da Penha e os ataques ao PNDH-3 confirmam a existência de uma sólida aliança entre os setores mais conservadores da sociedade (patriarcais, capitalistas e religiosos). A divisão sexual do trabalho e o controle dos corpos e da sexualidade das mulheres continuam sendo pilares da nossa sociedade. Daí estarmos longe de garantir a autodeterminação reprodutiva das mulheres. Em função da peculiaríssima formação social do Brasil (basta ler Caio Prado Júnior), tais violências – que também envolvem questões como heteronormatividade, preconceito racial, ideal de feminilidade, maternidade compulsória – tomaram proporções epidêmicas e intoleráveis.

É neste contexto que surgiu o projeto *Carne – Patriarcado e capitalismo*, que, além do trabalho cênico, inclui oficinas, intervenções urbanas, debates, eventos multiartísticos, instalações e exibição de filmes. O projeto procura estimular a discussão crítica em torno das questões específicas e gerais relacionadas à opressão de gênero e à exploração de classe. Este conjunto de ações, com duração de quinze meses, é a continuidade de outras experiências da Companhia em que procurávamos conjugar três aspectos que hoje nos parecem, mais do que nunca, indissociáveis: investigação sobre a formação social brasileira e a realidade contemporânea; pesquisa de novas formas teatrais e extra-artísticas capazes de traduzir, problematizar e interferir nos temas escolhidos, e articulação estreita, através de parcerias efetivas, com movimentos sociais e organizações populares.

Ainda que fazendo parte do campo crítico, muitos coletivos teatrais parecem ziguezaguear

entre a recusa decidida do modelo mercantil e espetacular – que significa afastar-se dos códigos mais estabelecidos – e a incapacidade de identificar, ou inventar, as maneiras de construir esteticamente a radicalidade necessária. Esta parece ser uma das tantas tarefas que o novo teatro de grupo ainda precisa enfrentar.

Quando propusemos *Teatro/mercadoria – Espetáculo e miséria simbólica* (2006-2008), já havia a intenção de problematizar, dentro e fora da cena, esta dialética entre realidades sociais e experiências formais. A questão central era a generalização da mercantilização. Processo que se expressa na entronização cínica da forma-mercadoria no cotidiano das nossas vidas. Neste projeto já havia o trabalho com movimentos sociais e organizações populares, que podiam, inclusive, ocupar (literalmente) espaços de criação ao apropriarem-se dos nossos meios de produção. Esta socialização, cujo alcance tinha muito de simbólico, permitia que parte da pesquisa destes coletivos fosse mostrada durante as apresentações do trabalho cênico *Teatro/mercadoria #1* e que suas questões fossem debatidas nos encontros organizados durante a temporada. Estas intervenções, considerando uma breve temporada no Rio de Janeiro, passaram de uma quinzena, incluindo coletivos teatrais, *rappers*, movimentos de poesia periférica, além da presença de parceiro-a-s do movimento de cultura livre e do-a-s trabalhador-a-s rurais sem terra.

Estavam reunidos no *Teatro-mercadoria*, de forma mais ou menos convincente, os três vértices que formam o projeto atual. Os recursos pesquisados neste projeto buscavam evitar as derivas estetizantes e, ao mesmo tempo, indicavam que a falta de interrogação estética poderia engendrar um teatro pouco combativo e pouco útil, porque vítima de uma perigosa letargia criativa. Embora o estiolamento de modos de fabricação teatral, inclusive daqueles vinculados às artes cênicas críticas (épicas, dialéticas e materialistas), não seja pior do que os diferentes modismos pós-modernos, não se deve subestimar o poder paralizante e autofágico da recusa determinada, embora bem-intencionada, das “novas formas”.

Articular capitalismo e patriarcado – e assim revelar conexões convenientemente silenciadas (publicidade e pornografia, religião e violência, sexismo e mercado de trabalho etc.), desmontando a engrenagem das submissões – exige, além de compromisso político, disponibilidade crítica para a pesquisa, a invenção e a intervenção. Augusto Boal, durante a ditadura civil-militar brasileira, coloca nestes termos a questão: “Há que procurar sempre formas novas? Claro que sim: a realidade é sempre nova. Mas não devemos correr como bobos em busca da última moda. Devemos responder com formas novas aos novos desafios da realidade.” Vianinha, na virada dos anos 1960, escreveu em forma de poema que o teatro que reivindicavam não estava “atrás de novidades”, mas de “descobertas”.

Ao recusar a convulsão artaudiana e o *naturalismo televisivo*, evitando o embate de subjetividades e a fábula que se presta à adesão emocional, o trabalho cênico *Carne* engrossa a crítica aos velhos e insuficientes esquemas teatrais, tentando responder aos “novos desafios da realidade”. Esta crítica não diz respeito apenas à cena, mas ao conjunto do fenômeno teatral: pesquisa e ocupação de novos espaços, horizontalidade na tomada de decisões, relação crítica com a imprensa patronal, gratuidade das atividades, estabelecimento de vínculos com o público antes e depois das apresentações, caráter processual do trabalho etc. Quanto à cena propriamente dita, estatísticas, trechos de romance, depoimentos,

análises sociológicas, canções populares, imagens publicitárias, expressões e ditos populares, filmes documentários, obras e instalações de arte contemporâneas e matérias jornalísticas compõem o roteiro cênico do trabalho. São opções que aliadas a outras estratégias estéticas e políticas apostam no alargamento dos limites que a arte institucional tende a fixar. *Mujeres creando*, da Bolívia (ressalvando os limites inerentes ao autonomismo reivindicado por este grupo) e o *Cabaret político* mexicano são exemplos estimulantes de um feminismo anticapitalista que dialoga com formas artísticas contemporâneas.

O projeto *Carne* – aliado aos movimentos sociais, iniciativas populares e organizações feministas, que qualificam e ancoram a intervenção do grupo – reivindica uma tradição que inclui o teatro dialético brechtiano, o agitprop histórico, os CPC's da UNE, o teatro documentário e parte das vanguardas artísticas do século vinte. Isto não nos impede de reconhecer nossas insuficiências e as debilidades da situação material do teatro brasileiro, apesar de conquistas inegáveis como a Lei de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo (aprovada no final de 2001). Somos lembrados cotidianamente da condição de semi-profissionalismo em que estamos metidos. Mais do que uma confiança ingênua no papel do Estado ou nas “virtudes”, exemplarmente falaciosas, do debate social-democrata em torno de políticas públicas de cultura – ou de uma corrida oportunista e adicta aos cofres públicos –, trata-se de preservar espaços e interesses públicos. Executivo e legislativo, nos diferentes níveis da administração, não fizeram o dever de casa. Nem é provável que o façam sem pressão popular. O acinte fisiológico das emendas parlamentares, as leis baseadas em renúncia fiscal e a política de editais-esmolos sobrevivem indiferentes aos governos conservadores e neoconservadores que se sucedem. Não basta compreender olímpicamente os limites das políticas de Estado (e do próprio Estado), sem destruir o balcão de negócios em que se transformou parte significativa da gestão dos recursos públicos no país, pouca coisa pode mudar.

*Carne – Patriarcado e capitalismo* é um condensado destas reflexões e práticas. Por isso, marca uma etapa importante para a Companhia. O fato de consolidarmos parcerias (a residência no Teatro Coletivo é um dos exemplos) e iniciarmos outras, não apenas entre grupos, mas também nas equipes internas de trabalho, confirma o indispensável otimismo na ação, devidamente matizado por um certo pessimismo da reflexão. Os desafios ainda são grandes, sobretudo aqueles relacionados à continuidade das ações e à perenidade do núcleo artístico. As apresentações, oficinas, exibições de filmes e debates realizados por toda a cidade de São Paulo – em sindicatos, universidades, prisões, ong's, centros comunitários, escolas, repartições públicas e até em teatros –, mostrou não só as fraturas de um modelo de sociedade autoritário e injusto, mas também o acerto em fugir dos limites confortáveis que o teatro habitualmente produzido estabelece. Reconhecer a autonomia, a consciência e a luta de movimentos sociais e de mulheres como Dandara, Clara Zetkin, Margarida Maria Alves, Simone de Beauvoir ou Maria da Penha, recusando tanto a misoginia como a *mística feminina* e as naturalizações impostas às mulheres (muitas vezes legitimadas por uma ciência sexista), tem alguma semelhança com o exercício rebelde, contra-hegemônico e necessário no campo da arte e da cultura.

*Terezinha de Jesus  
De uma queda foi ao chão  
Acudiram três cavaleiros  
Todos três chapéu na mão.*

*O primeiro foi seu pai  
O segundo seu irmão  
O terceiro foi aquele  
Que a Tereza deu a mão.*

*Tanta laranja madura  
Tanto limão pelo chão  
Tanto sangue derramado  
Dentro do meu coração.*

*Da laranja quero um gomo  
Do limão quero um pedaço  
Da morena mais bonita  
Quero um beijo e um abraço*



*6,8 milhões das brasileiras vivas já foram espancadas ao menos uma vez na vida. Considerando-se que 31% declararam que a última ocorrência foi nos 12 meses anteriores à pesquisa, chega-se a 2,1 milhões de mulheres espancadas por ano no país, 175 mil por mês, 5.800 por dia, 243 por hora, 4 por minuto, uma a cada 15 segundos.*

*Os agressores comumente citados são o ex-marido, o ex-companheiro e o ex-namorado, que somados ao marido ou parceiro constituem sólida maioria.*

*A violência doméstica deixou paraplégica a farmacêutica Maria da Penha. Agredida durante anos, ela sofreu duas tentativas de homicídio. Na primeira, o ex-marido, o professor universitário Antônio Viveros, lhe deu um tiro enquanto dormia. Não satisfeito, ele tentou matá-la com choques. Durante 20 anos, Maria da Penha lutou para ver o ex-marido na cadeia.*

*Pela primeira vez, a OEA aceitou uma denúncia de violência doméstica. Condenado a oito anos de prisão, Viveros cumpriu dois, e hoje está em liberdade. Militante de movimentos sociais, Maria da Penha está trabalhando agora para popularizar a lei sobre a violência contra as mulheres que leva seu nome.*

#### Notícia de imprensa

*O homem é aquele que ainda sabe apreciar a música clássica. Estende um braço para frente e liga o aparelho. A música toca, a mulher agüenta muito, e os mortais vivem da recompensa e do trabalho, mas a música também faz parte disso, não é verdade? O diretor oprime a mulher com o seu peso. Para oprimir os trabalhadores que alternam entre o cansaço e o descanso, basta-lhe a sua assinatura, não precisa se deitar com o seu peso em cima deles. [...] O diretor salta da mulher, deixando nela seus detritos. Porque em breve a irá de novo rodear a ratoeira da lida da casa, e volta para o lugar de onde tinha vindo. Ainda falta muito para o sol se pôr. O homem é, no fundo, um burguês que canta e toca. Oferece à mulher, para que o corpo dela se possa apresentar todos os dias ordeiramente ao serviço, roupas eróticas de catálogos. Escolheu coisas ousadas para ela ambicionar parecer-se com as modelos das fotografias. No final, a obra de alguns cabeleireiros fica destruída.*

Lust, Elfriede Jelinek

*Na sala do delegado Fleury, num papelão, uma caveira desenhada e embaixo as letras EM, de Esquadrão da Morte. Todos deram risada quando entrei. “Olha aí a Miss Brasil. Pariu noutra dia e já tá magra, mas tem um quadril de vaca”, disse ele. Um outro: “Só pode ser uma vaca terrorista”.*

*Mostrou uma página de jornal com a matéria sobre o prêmio da vaca leiteira Miss Brasil, numa exposição de gado.*

Depoimento de Rose Nogueira, jornalista, presa e torturada em 1969 pela ditadura civil-militar brasileira

*A mãe faz tricó  
O filho faz a guerra  
Tudo muito natural acha a mãe  
E o pai o que faz o pai?  
Ele faz negócios*

Familiale, Jacques Prévert

# teatro, política e feminismo: a possibilidade de construir uma nova história.

Uma ação de grandes proporções aconteceu no mês de março de 2010, no Estado de São Paulo. Duas mil mulheres marcharam quase 100km, durante 11 dias com a coordenação geral da Marcha Mundial das Mulheres (MMM) e a contribuição de outros tantos movimentos e organizações feministas de todo país. Sob a bandeira “seguiremos em marcha até que todas sejamos livres”, estas mulheres finalizaram o ato na Praça Charles Müller, no dia 18 de março, com suas camisetas, estandartes, bonecas gigantes (construídas coletivamente durante a caminhada), pés cansados e sorrisos largos de quem acaba de conquistar algo muito importante.

Esta ação, ao romper o cotidiano, causar um impacto estético e ser capaz de condensar um conteúdo político, poderia ser lida como uma grande performance de agitação feminista. Escolha ousada. Escolha radical. Mas, por que marchar? Diante de tantas dificuldades concretas que surgiriam durante o caminho, por que levar adiante uma ação de tal dimensão? Certamente muitas são as respostas para estas questões, mas uma delas parece estar ligada ao que podemos nomear de “necessidade do chamado”. O chamado para sermos atuantes e conscientes no curso da história, da nossa história e também o entendimento de que a luta por melhores condições de vida para toda-o-s só se faz coletivamente. Nós, da Kiwi Companhia de Teatro, poderíamos nos fazer pergunta semelhante: por que fazer teatro? E mais: por que tratar de um tema como a desigualdade de gênero no teatro?

Nos jovens países da América Latina, como o Brasil – eternamente em desenvolvimento

e carregando as marcas da colônia – onde o principal veículo de comunicação e transmissão de “cultura e pensamento” é a televisão comercial (segundo dados da Articulação Mulher e Mídia, menos de 10% da população lê jornal e são baixíssimos os índices de frequência de teatro, cinema e outras atividades culturais), a formação estética, intelectual e política de grande parte da população está submetida ao controle de alguns poucos grupos econômicos que detém o poder sobre as concessões públicas dos veículos de comunicação. Diante deste quadro, a disputa simbólica, do imaginário e dos meios de expressão é urgente! E a discussão política sobre as questões que envolvem opressão de gênero, violência contra a mulher e temas afins nunca possuiu tanta relação com o universo da produção artística quanto neste início de século 21.

A maneira como a sociedade se apropria do corpo e do espaço social da mulher, com o objetivo de engessá-la dentro de uma ideologia patriarcal, é hoje objeto de estudo de artistas como Maria Galindo & Mujeres Creando (Bolívia), Mujeres Publicas (Argentina), The Magdalena Project (Rede Internacional de Mulheres), Jesusa Rodrigues e Liliana Felipe (México), As Loucas de Pedra Lilás (Recife), as Obscenas (Belo Horizonte), Atuadoras (São Paulo), entre tantas outras, anônimas ou conhecidas, através das Américas.

Para o dramaturgo e diretor de teatro Edward Bond, “a arte deve responder ao perigo de uma época.” Portanto, se não estamos satisfeita-o-s com as desigualdades de classe, etnia e gênero e se queremos que as ideias voltem a ser perigosas, em



meio a tanta apatia, o teatro – como espaço horizontal, de reflexão mútua, de reunião e assembleia, espaço provocativo e propositivo – pode ser uma ferramenta potente nesta luta de Davi contra Golias. Se as dificuldades de produção já são enormes – em parte, por conta das políticas públicas de cultura em vigor no Brasil desde o governo Sarney, que privilegiam o mercado –, elas se multiplicam quando coletivos artísticos resolvem tematizar as questões de gênero, como se este assunto não tivesse a menor importância ou as mulheres já tivessem conquistado sua autonomia (como resposta a isso basta citar os indicadores de diferenças salariais entre homens e mulheres e os índices de violência sexista).

“Mulheres querem um mundo mais justo pros filhos crescerem sem susto. Mulheres querem um mundo de paz, sem elite e sem capataz. Amigas, vamos marchar. Chega de fome, pobreza e violência, Amigas, vamos marchar. Cantando pro mundo a nossa irreverência. É terra para gozar, maternidade e aborto seguros. É vida, prá navegar. E saber eleger quem respeite a quem aqui está! Vamos!”. Instigada-o-s por esta canção das mulheres da Marcha Mundial lançamos o desafio: movimentos feministas e coletivos artísticos podem sim, juntos, contribuir na construção desta outra história, de uma história das mulheres.

**Fernanda Azevedo**





cesso de trabalho

# arner

kiwi companhia teat



# quando nossa vida vai ao teatro, nossos sonhos podem se realizar!

Enfrentar as condições da discriminação histórica contra as mulheres, numa abordagem ampla que envolve uma perspectiva de gênero, raça/etnia e classe social é um desafio grande e de difícil tratamento público. Ao se fazer uma exposição tão complexa de motivos de uma realidade discriminatória e excludente das mulheres, pode-se correr o risco de dispersar o público e não atingir o objetivo central que é o de levar à platéia a compreensão das causas das desigualdades entre homens e mulheres, estruturadas a partir do sexismo/racismo/etnia e da divisão social de classes e também envolvê-la não só a perceber o que isso trouxe de prejuízo para toda humanidade, mas que esta realidade pode ser transformada a partir de sua própria ação (da platéia) que nunca é meramente contemplativa.

Como ainda temos, de um modo geral, uma visão fragmentada das questões sociais, torna-se mais desafiante tratá-las de forma mais abrangente como se deu na peça teatral **Carne**. São ainda tímidas as iniciativas que colocam com aprofundamento o debate destes temas que se referem ao cotidiano, à micropolítica, à sexualidade, ao direito ao aborto, a necessidade da divisão igualitária do trabalho doméstico, consideradas ainda hoje como algo menor, desvalorizadas no campo político, econômico e social. Com exceção dos movimentos de mulheres que sempre estão ativos mobilizando a sociedade e pressionando o Estado a formular e implementar políticas públicas que alcancem a igualdade e equidade de gênero, os demais setores permanecem em silêncio diante desta realidade tão incomodamente presente. Na área cultural ainda é maior o vazio: há pouca produção que dá conta desse emaranhado de contradições sociais que aviltam e invisibilizam as mulheres como *sujeitos sociais* e cidadãs plenas.

A **Kiwi Companhia de Teatro**, ao apresentar a peça referida acima, encara o desafio e a complexidade do sexismo/racismo sem descartar a importância da classe social. Denuncia sem subterfúgios o patriarcado e o capitalismo como sistemas políticos que vilipendiam as mulheres reduzindo assim também a própria dimensão humana dos homens. **Carne - Patriarcado e capitalismo** contribui para uma reflexão ativa e intensa, na qual a discriminação, a violência de gênero, a divisão sexual do trabalho, com ênfase no trabalho doméstico, são tratadas com seriedade, criatividade, humor, ironia, firmeza, sem que o público se disperse ou se confunda.

Os múltiplos fatores que interferem na violência de gênero são muitos: a discriminação social das mulheres, a rígida separação entre os papéis sociais de mulheres e homens e a hierarquia na qual se definem as desigualdades nas relações de poder entre os sexos sobrepondo o poder masculino ao feminino, impondo a submissão e a falta de autonomia econômica, política e social da grande maioria da população feminina.

O teatro, como instrumento pedagógico de aprofundamento teórico e ideológico, não pode deixar de cumprir seu papel de entretenimento. Combinar estas funções é equacionar questões de difícil trato. E tudo isso nessa peça teatral se desenvolve em, aproximadamente, oitenta minutos de duração, o que resultou num excelente trabalho artístico, um divertido e educativo programa cultural. Há momentos em

que a realidade tão cruel de opressão, de desvalorização das mulheres e de sua rotina cotidiana faz parecer fantasia entremetida no cotidiano. Mas as cobranças também estão em cena, cobra-se da mídia uma postura que trate das mulheres como sujeitos sociais e não objetos sexuais de cama e mesa. Não se esquecem de trazer para o palco a crítica à linguagem sexista, sistematizada e gramaticalmente colocada nos dicionários, que reduz as mulheres a estereótipos sempre voltadas para a *família* ou para servir aos homens seja sexualmente ou de outra forma também servil. A violência é mostrada como resultado de todo este tratamento desumano que recebem as mulheres, exploradas, oprimidas e invisíveis em sua tripla jornada (trabalho fora de casa, em casa e ainda cuidadoras) embora nada disso seja lembrado na hora do pagamento do seu salário que é, em média apenas 60% dos salários dos homens. Isto se elas forem brancas porque as negras praticamente ganham o correspondente a um quarto dos salários dos homens brancos. Tudo isso faz parte da peça teatral que de forma habilidosa e competente mostra a violência de gênero intimamente vinculada ao contexto histórico da discriminação e exploração. Refere-se às lutas das mulheres de resistência contra o patriarcado e o capitalismo, os quais elas vivem tão intensamente na sua própria carne. E como não podia deixar de ser, depois da apresentação há o debate onde se trocam experiências, se levantam dúvidas a respeito da veracidade das situações ali expostas, e até se as próprias mulheres não seriam as responsáveis por sua submissão, sua opressão. Mas afinal *“ninguém é oprimido, explorado e discriminado porque quer. Uma ideologia patriarcal e machista tem negado à mulher o seu desenvolvimento pleno, omitindo a sua contribuição histórica”* (Maria Amélia de Almeida Teles, Breve História do feminismo no Brasil, Ed. Brasiliense, São Paulo, 1993, p. 9 e 10).

Interessa-nos aqui destacar é que nossas vidas chegaram ao teatro, provocaram debate como se fosse um exagero, um absurdo tudo aquilo que vivemos tão intensamente no nosso dia a dia, como o choro do bebê ou a repetição monótona e acelerada das atividades domésticas [referência a cenas da peça], e ainda somos exibidas na mídia de forma estereotipada, como adereços de carros, bebidas ou de outra mercadoria qualquer. Tanta manipulação nos rouba o tempo para realizar as ações do nosso desejo, das nossas fantasias, da nossa vontade e das nossas necessidades. O teatro chegou em nossas vidas nos transformando em protagonistas de uma nova história de liberdade, igualdade e justiça. Oxalá, um dia, alcancemos tudo isso!

### **Maria Amélia de Almeida Teles**

Amelinha Teles foi presa política e é militante histórica do movimento feminista. Idealizou e dirige a União de Mulheres de São Paulo. Escreveu diversos livros e artigos sobre o feminismo e coordena o projeto Promotoras Legais Populares em São Paulo.

Eu tenho pena da mulher do meu patrão  
Muito rica, tão bonita, ai meu Deus que mulherão  
Não tem meninos para não envelhecer  
Mas nervosa sofre muito por não ter o que fazer  
No atiço da panela, no batuque do pilão  
Tem somente quinze filhos mais o xaxo do feijão  
Sarampo catapora, mais a roupa pra lavar  
Resfriado, tosse braba, lenha pra carregar  
Pote na cabeça, tem xerém pra cozinhar  
Tira o leite da cabrinha, tem o bode pra soltar  
Vivo com minha nega num ranchinho que eu fiz  
Não se queixa, não diz nada e se acha bem feliz

Com tudo isso ainda sobra um tempinho, um agrado, um carinho, eu não quero nem dizer  
Com tudo isso ainda sobra um tempinho e um moleque sambudinho todo ano é pra nascer

*A Mulher do Meu Patrão, Luiz Gonzaga*

Quero te pegar no colo / Te deitar no solo e te fazer mulher.

*Deixa eu te amar, Wando*

Mas que mulher indigesta, indigesta / Merece um tijolo na testa.

*Mulher indigesta, Noel Rosa*

Feminismo, transformação, movimentos sociais: este é o tripé sobre o qual se baseia a razão de ser da Sempreviva Organização Feminista. Atuamos a partir da convicção de que só teremos igualdade se ela existir para todas as mulheres, e para isso são necessárias mudanças globais na sociedade. Queremos mudar o mundo para mudar a vida das mulheres para mudar o mundo. Como militantes da Marcha Mundial das Mulheres contribuimos para construir ações e um discurso crítico sobre a extensão da sociedade de mercado sob a globalização. Refletimos sobre as conexões entre globalização, empresas transnacionais e o controle sobre o trabalho, o corpo das mulheres e os territórios dos povos. Na MMM queremos construir um movimento plural, com eixos estratégicos que atinjam o coração do sistema de dominação. Atuamos a partir do que nos une sem perder nossas particularidades. É a partir dessa compreensão que definimos o lema “somos mulheres e não mercadoria!”. Estamos criando uma perspectiva feminista a partir do questionamento global ao capitalismo, que é machista, racista, homofóbico e destruidor da natureza. Afirmamos o direito à autonomia e autodeterminação das mulheres e reivindicamos a igualdade como um princípio organizador do mundo que queremos construir. Somos pela mobilização, pelas ações diretas, pela ocupação dos espaços públicos, com irreverência, rebeldia, criatividade, animadas pelas palavras de ordem e músicas da batucada feminista. Seguiremos em marcha até que todas sejamos livres!

**SOF - Sempreviva Organização Feminista/Marcha Mundial da Mulheres**

O Senhor Deus mandou ao homem um profundo sono; e enquanto ele dormia, tomou-lhe uma costela e fechou com carne o seu lugar.

E da costela que tinha tomado do homem, o Senhor Deus fez uma mulher, e levou-a para junto do homem.

...

E deus disse também à mulher: multiplicarei os sofrimentos de teu parto; darás à luz com dores, teus desejos te impelirão para o teu marido e tu estarás sob o seu domínio.

*Gênese*

É um dom de Deus  
uma mulher sensata e  
silenciosa.

*Eclesiástico, cap. 26*

# Tapa de amor não doi

Não se nasce mulher, torna-se.  
*O segundo sexo*, Simone de Beauvoir

# Nem todas as mulheres gostam de apanhar, só as normais

Se te agarro com outro / Te mato! / Te mando algumas flores / E depois escapo...  
*Se te agarro com outro te mato*, Sidney Magal

# Mulher é como bife, quanto mais se bate mais macia fica

Nada se parece mais com um machista de direita que um machista de esquerda.

# Em briga de marido e mulher não se mete a colher

Homem público – Aquele que ocupa um papel social importante.  
Mulher pública – Puta.

# Ele não sabe porque tá batendo, mas ela sabe porque tá apanhando





Uma mulher foi assassinada por seu companheiro. Como se manifesta o patriarcado em cada país? Porquê homens matam suas mulheres em sociedades patriarcais? Que regime social, que moral, que regime econômico permite espancamentos e mortes? Porquê sobre elas cai o silêncio?

Augusto Boal

A mulher negra, em sua condição de escrava, transferiu diferentes valores: por um lado, reproduzindo a força de trabalho e, por outro, trabalhando nas tarefas domésticas a serviço dos colonizadores, nas casas dos senhores na cidade e no campo.

Em ambos os casos, foi geradora de mais-valia nos setores econômicos mais importantes: minas, fazendas e plantações. Nunca se poderá avaliar a quantidade de mais-valia produzida pelo trabalho destas mulheres para a acumulação primitiva do capital.

Enfim, a divisão do trabalho se consolidou na Colônia, fortalecendo a dupla opressão da mulher: de sexo e de classe. O machismo e a exploração econômica serviram ao sistema global de dominação patriarcal e de classe.

*Breve História do Feminismo no Brasil*, Maria Amélia de Almeida Teles

A defesa da legalização do aborto se fundamenta no direito da mulher ser protagonista de sua história. Foi construída e hoje está cristalizada a ideia de que a mulher reconheça na maternidade a razão única para sua existência. Esse pensamento desresponsabiliza os homens e o Estado com o cuidado das crianças e fortalece o discurso e práticas que condenam e criminalizam as mulheres que negam esse percurso ou optam por não aceitá-lo em um momento determinado de suas vidas.

Devido a uma legislação arcaica, o aborto só é permitido no Brasil em casos de estupro e risco de vida da mãe. Entretanto, é sabido que mais de um milhão de abortos clandestinos ocorrem por ano no Brasil. Uma grande parte realizada sob péssimas condições, atingindo majoritariamente as mulheres pobres e negras, ocasionando seqüelas e mortes. Tapar os olhos diante dessa realidade é ser conivente com a hipocrisia de fundamentalistas religiosos que impõem seus dogmas para toda a sociedade.

A defesa da legalização do aborto é também a defesa da laicidade do Estado, que deve ser regido por princípios democráticos, voltados para toda a população, independentemente de sua crença, inclusive respeitando aquelas e aqueles que escolheram não ter nenhuma. É ainda uma luta pela saúde e a liberdade das mulheres. Superar os fundamentalismos e a ignorância em torno deste tema é essencial para avançarmos rumo a uma sociedade menos desigual entre homens e mulheres.

Laura Cymbalista,  
íntegra a Frente Nacional pelo fim da Criminalização das Mulheres e pela Legalização do Aborto e a Secretaria de Mulheres do PSOL-SP

Você sabe como é difícil para a mulher sair de casa. Uma deve ter estado muito ocupada com o marido; outra teve de acordar a empregada; outra deve ter tido de fazer as crianças dormirem; outra teve de lavá-las; outra deve ter tido trabalho com o mingau...

Aristófanes, Lisístrata (411 a.C.)



# APRESENTAÇÕES DO TRABALHO CÊNICO CARNE 2010/2011

Associação Internacional de Arte-Educação (IDEA): 23 de julho 2010, Universidade Federal do Pará, Teatro Barradas. Belém do Pará.

Encontro nacional da Marcha Mundial das Mulheres: 31 de julho 2010, Colégio Pio XI, Lapa. São Paulo.

Dia da visibilidade lésbica: 29 de agosto 2010. Sindaúde, Rua Cardeal Arcoverde, 119, Pinheiros. São Paulo.

Teatro Coletivo: 30 de agosto. Rua da Consolação, 1623. São Paulo.

Centro Cultural Arte em Construção Pombas Urbanas: 04 de setembro 2010. Avenida dos Metalúrgicos, nº 2100, Cidade Tiradentes. São Paulo.

Fundação Casa Unidade Parada de Taipas: 18 de setembro 2010. Taipas. São Paulo.

Fundação Casa Unidade Chiquinha Gonzaga: 25 de setembro 2010. Rua Japuruchita, 500, Móoca. São Paulo.

Ceu Perus: 02 de outubro 2010. Rua José Bernardo de Lorena, s/n, Perus. São Paulo.

Ceu Vila Atlântica: 10 de outubro 2010. R. Cel. José Venâncio Dias, 840, Jaraguá. São Paulo.

Casa Ser Dorinha: 22 de outubro 2010. R. Dr. Guilherme de Abreu Sodré, 485, Cidade Tiradentes. São Paulo.

União de Mulheres/Promotoras Legais Populares: 06 de novembro 2010. Secretaria de Justiça, Pátio do Colégio, 184. São Paulo.

Sesc Pompéia (Mostra Sesc de Artes): 19 e 20 de novembro 2010. Rua Clélia, 93, Pompéia. São Paulo.

Ação Educativa (arte-educador@s e internas da Fundação Casa): 26 e 27 de novembro 2010. Unidades de Guarulhos e Cerqueira Cesar. Rua General Jardim, 660, Vila Buarque. São Paulo.

Escola Municipal Fontenelle (EJA): 30 de novembro 2010. Rua Nossa Sra. da Conceição, 384, Jaraguá. São Paulo.

Centro de Cidadania da Mulher Santo Amaro: 02 de dezembro 2010. Rua Mario Lopes Leão, 240, Santo Amaro. São Paulo.

Cooperativa Paulista de Teatro: 28 de janeiro 2011. Praça Dom José Gaspar, 30, Centro. São Paulo.

Centro Cultural da Juventude: 08 de fevereiro 2011. Av. Deputado Emílio Carlos, 3641. Vila Nova Cachoeirinha. São Paulo.

Defensoria Pública de São Paulo: 10 de fevereiro 2011. Teatro Coletivo, Rua da Consolação 1623, Centro. São Paulo.

Instituto e Ponto de Cultura Religare: 19 e 20 de fevereiro 2011. Rua Souza Lima, 300, Barra Funda. São Paulo.

USP Butantã: 21 de fevereiro (Geografia, História e Ciências Sociais) e 22 de fevereiro 2011 (Letras). Avenida Prof. Lineu Prestes, 338, Butantã. São Paulo.

Espaço Clariô: 26 e 27 de fevereiro 2011. Rua Santa Luzia, 96, Taboão da Serra.

Sacolão das Artes: 11 e 12 de março 2011. Av. Cândido José Xavier, 577, Parque Santo Antonio. São Paulo.

Centro de referência e apoio à vítima (CRAVI): 17 de março 2011. Fórum Criminal da Barra Funda – Av. Abraão Ribeiro, nº 313, Barra Funda. São Paulo.

Centro de Cidadania da Mulher Itaquera: 18 de março 2011. Rua Ibiajara, 495, Itaquera. São Paulo.

Casa Viviane dos Santos: 22 de março 2011. Centro Cultural Lajeado/Guaianases. Rua Antônio Caria nº 17, Guaianases. São Paulo.

Arsenal da Esperança: 15 e 16 de abril 2011. Rua Dr. Almeida Lima, 900, Moóca. São Paulo.

CENPEC e Ação Educativa (arte-educador@s): 29 de abril 2011. Teatro Coletivo, Rua da Consolação 1623, centro. São Paulo.

ONG Arrastão: 30 de abril 2011. Teatro Coletivo, Rua da consolação 1623, centro. São Paulo.

Secretaria de Participação e Parceria/Coordenadoria da Mulher: 05 de maio, 2011. Rua Líbero Badaró, 119, centro. São Paulo.

Centro Cultural Paideia: 06 e 07 de maio 2011. Rua Darwin, 153, Alto da Boa Vista. São Paulo.

Centro Maria-mariá: 13 de maio 2011. Rua Luiz Baldinato, 13, Jardim Angela. São Paulo.

Centro de Cidadania da Mulher Parelheiros: 17 de maio 2011. Rua Teresinha do Prado, 119, Parelheiros. São Paulo.

Instituto Alana (Rede Livre Leste): 20 de maio 2011. Rua Erva do Sereno, Jardim Pantanal, 548. São Paulo.

Centro de Cidadania da Mulher Capela do Socorro: 24 de maio 2011. Rua Professor Oscar Barreto Filho, 350, Parque América/Grajaú. São Paulo.

Central de Movimentos Populares: 02 de junho 2011, Heliópolis. São Paulo.

Semana de Jornalismo da PUC: 03 de junho 2011. Rua Monte Alegre, 984, Perdizes, São Paulo.

## OFICINAS

Fundação Casa Unidade Chiquinha Gonzaga: janeiro de 2011. Moóca.

Ação Educativa: janeiro de 2011. Vila Buarque.

Instituto e Ponto de Cultura Religare: fevereiro de 2011. Barra Funda.

Sacolão das Artes: março de 2011. Parque Santo Antônio.

## CICLO DE FILMES

Sacolão das Artes: março de 2011. Parque Santo Antônio.

Câmara Municipal de São Paulo e Cine Mulher: abril de 2011. Centro.

Ação Educativa: maio de 2011. Vila Buarque.

## FESTA & IDEIAS

Teatro Coletivo: 03 de dezembro 2010. Consolação.

Teatro Coletivo: 02 de setembro 2011 (a realizar). Consolação.

## INTERVENÇÕES URBANAS

Dia pela Saúde da Mulher: 28 de maio 2010 (14 horas). Praça João Mendes.

Semana de jornalismo da PUC: 28 de maio 2010 (22 horas). Perdizes.

Dia Latino Americano e Caribenho de Luta Contra a Violência à Mulher: 25 de novembro 2010. Pátio do Colégio.

Dia Internacional de Lutas das Mulheres: 12 de março 2011. Consolação e Praça da Sé.



*O mundo é a casa do homem.  
A casa é o mundo da mulher.*

Ditado popular



Nas sociedades competitivas, os mitos femininos preenchem funções precisas e, neste sentido, representam uma das possibilidades, e talvez uma das mais simples, de controlar o comportamento das mulheres, de modo a contê-lo dentro de certos limites de variação e de motivá-las a aderir aos padrões exigidos pelo sistema, na medida em que funcionam como legitimações destes mesmos padrões. Especificando, são as seguintes funções desempenhadas pelos mitos femininos na sociedade de classes:

1. restringir a um mínimo possível a interferência do sistema de parentesco no sistema ocupacional, isto é, permitir a ligação entre os dois sistemas apenas através do chefe de família, a fim de preservar a compatibilidade entre as duas estruturas envolvidas;
2. mistificar a mulher no seu papel de esposa e mãe, de modo a que ela se sinta plenamente realizada enquanto tal;
3. colocar barreiras à ascensão profissional da mulher, de modo a mantê-la em condições desiguais de concorrência com os homens;
4. enaltecer a atividade feminina em setores ocupacionais não disputados pelos homens, quer porque não remuneram satisfatoriamente, quer porque não conferem suficiente grau de prestígio;
5. manter baixas as aspirações femininas a fim de não provocar o surgimento de tensões suficientemente intensas para promover a mudança das estruturas vigentes;
6. impedir a extensão dos mecanismos de competição ao grupo familiar não apenas porque isto significaria introduzir mudanças radicais na estrutura da família, mudanças estas de consequências imprevisíveis para a estrutura de classes, mas ainda porque a ampliação do jogo competitivo encontra sérios limites na manutenção do equilíbrio psicológico dos indivíduos.

*A mulher na sociedade de classes: mito e realidade.*

**Heleieth Saffioti**

Antes de realizar um trabalho (artístico) sobre gênero, o corpo é marcado por imagens, fatos, reflexões e ameaças de todos os tipos. Primeiro vieram as histórias em pedaços na carne. Depois, uma análise-escuta de tempos e espaços diversos, para mostrar o que deve ser mostrado.

Fazer o Carne para mim é a possibilidade de alinhar trajetória pessoal, história, luta e comunidades de mulheres, trazer à tona discussões tidas como envelhecidas – e perceber que envelhecido é o pensamento, o sistema, a conduta –, eliminar a sensação de isolamento e solidão ideológica, tão favoráveis ao patriarcado e ao capitalismo, a partir da percepção da luta das mulheres do meu país e do mundo.

**Mônica Rodrigues**

Contra a intolerância dos ricos, a intransigência dos pobres. Não se deixar cooptar, não se deixar esmagar. Lutar sempre!

**Florestan Fernandes**

Reconhecimento explícito e a reafirmação do direito de todas as mulheres de controlar todos os aspectos de sua saúde, em particular sua própria fertilidade, é básico para seu fortalecimento.

**Quarta Conferência Mundial sobre as Mulheres.**

**Declaração de Pequim (1995), aprovada por dezenas de países, entre os quais o Brasil.**



**“conselho às jovens mulheres”**

Em primeiro lugar é preciso ser muito, muito vigilante. Estar atenta às conquistas, não pensar que as coisas estão garantidas. Quando se pensa que algo está ganho, é preciso ter certeza que isto é real. Segunda coisa, eu diria às jovens que é preciso que elas sejam ambiciosas, que não se contentem com o que têm. Não pensar, nem dizer, que nós ganhamos, que a situação está boa para as mulheres. Em terceiro lugar, é preciso prestar muita atenção às imagens. Nós vivemos em um mundo com cada vez mais imagens, nós pensamos que elas são neutras, e elas não são. Nós não temos os instrumentos para analisá-las, não aprendemos na escola, nós somos prisioneiras de imagens que não dominamos. Eu penso que um ponto essencial é refletir sobre este aspecto. Vocês, que trabalham e refletem sobre as imagens, vocês têm uma consciência mais aguda do que eu, vocês têm a possibilidade de fazer isso.

Trecho da entrevista inédita da historiadora Michelle Perrot concedida a Fernanda Azevedo e Fernando Kinas (Paris, maio de 2009)



# O pessoal continua sendo político!

Por exemplo: a mulher  
Antes da lei existir,  
Apanhava, e a justiça  
Não tinha como punir  
Ele pagava fiança  
E voltava a agredir.

Dizia o velho ditado  
Que “ninguém mete a colher”  
Em briga de namorados  
Ou de “marido e mulher”  
Não metia...  
Agora, mete!  
Pois isso agora reflete  
No mundo que a gente quer.

Cordel de Tião Simpatia  
sobre a Lei Maria da Penha

Quais são as estratégias empregadas pelo sistema patriarcal? Marque as afirmações corretas:

- Prática da violência física, psicológica e simbólica contra as mulheres para subjugar-las.
- Controle sobre o corpo, a sexualidade e a vida reprodutiva das mulheres.
- Manutenção das mulheres em situação de dependência econômica.
- Manutenção, no âmbito do sistema político e das práticas sociais, de impedimentos à participação política das mulheres e à obtenção de postos de comando.
- Nenhuma delas. O patriarcado não existe e o feminismo está ultrapassado.

A Kiwi Companhia de Teatro surgiu em 1996. Produziu uma quinzena de montagens teatrais, além de leituras dramáticas, cursos, oficinas e debates. Criou e é responsável pelo evento multiartístico *feira & ideias*. O grupo procura elaborar um pensamento crítico sobre o teatro, contribuir para a compreensão da formação social brasileira e intervir artística e politicamente na realidade do país em parceria com movimentos sociais e populares.

A companhia é formada por quatro componentes fixos (Fernanda Azevedo, Fernando Kinas, Luiz Nunes e Mônica Rodrigues) e conta com a colaboração de vários artistas: Eduardo Contrera (músico), Marina Willer e Paulo Emílio (programadores visuais), Clóvis Inocêncio (ator), Fernando Marés (cenógrafo e figurinista), Sérgio Pessoa (assistente geral), Gavin Adams (pesquisador de imagens), Demian García (músico e sonoplasta), Marie Ange Bordas (fotógrafa e artista plástica), Fabio Salvatti (diretor), Maysa Lepique (atriz e videoartista), Daniele Ricieri (atriz e jornalista), Nadja Flügel (iluminadora).

Os trabalhos da companhia têm sido apresentados em diversas cidades do país, além de participarem de festivais e encontros de teatro e performance no Brasil e no exterior (Bogotá, Los Angeles, Recife, São José do Rio Preto, Rio de Janeiro, Curitiba, Florianópolis, Belém do Pará).

Em 2007 a companhia foi selecionada pelo Programa de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo com o projeto *Teatro/mercadoria – Espetáculo e miséria simbólica*, que incluiu apresentações teatrais, oficinas, debates e a realização de dois eventos multiartísticos.

Ainda em 2007 a Kiwi Companhia de Teatro mostrou parte do seu repertório na Mostra Sesc de Artes. As atividades incluíram três peças e três processos de trabalho, seguidos de debates. Neste mesmo ano participou do evento *Conhecimento e cultura livres*, realizado nas zonas leste e norte de São Paulo, com apoio do Ministério da Cultura.

Em 2008 a Companhia representou o Brasil no Seminário Internacional de Performance e Feminismo *Actions of Transfer – Women's performance in the Americas*, organizado pela Universidade da Califórnia (UCLA), Estados Unidos. O grupo produziu o documentário *Actions of Transfer – O olhar brasileiro*, em parceria com as Atuadores e com apoio institucional da Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República.

Em agosto de 2009 a Kiwi Companhia de Teatro apresentou em Bogotá (Colômbia) a performance *Carne – Histórias em pedaços* no 7º Encuentro Ciudadanas en cena, organizado pelo Instituto Hemisférico de Performance y Política.

Com o projeto *Carne – Patriarcado e capitalismo*, o grupo foi novamente contemplado pelo Programa de Fomento ao Teatro para a cidade de São Paulo. As atividades foram realizadas em todas as regiões da cidade entre maio de 2010 e agosto de 2011. A partir deste trabalho, a Companhia passou a ser residente do Teatro Coletivo, localizado na região central de São Paulo.

## Parcerias com movimentos sociais

A partir de 2007 o grupo intensificou o trabalho com coletivos que discutem a opressão de gênero e diversas organizações políticas, artísticas e culturais: Ponto de Cultura Religare, Ação Educativa, Coletivo Dandara, Atuadoras, IDEA (Associação Mundial de Drama/Teatro e Educação), Marcha Mundial das Mulheres, SempreViva Organização Feminista, ECOS - Comunicação em Sexualidade, Centre audiovisuel Simone de Beauvoir (Paris), União de Mulheres, Sacolão das Artes, Sarau do Binho, Associação Cultural Paidéia, Hip Hop Mulher, Cinemulher.

## Montagens

*Carne*, roteiro a partir de textos de Michelle Perrot, Elfriede Jelinek e outro-a-s autore-a-s, 2007/2011.

*Teatro/mercadoria #1*, textos de Guy Debord e outro-a-s autore-a-s, 2006/2008.

*Linha*, de Israel Horovitz, 2006.

*O bom selvagem*, textos de Jean-Jacques Rousseau e outro-a-s autore-a-s, 2006.

*Casulo*, de Fernando Kinas, 2006.

*Titânio*, textos de Elizabeth Bishop, Pier Paolo Pasolini e outro-a-s autore-a-s, 2004.

*Mauser/manifesto*, textos de Heiner Müller e Karl Marx, 2002.

*Fragmento b3*, textos de Samuel Beckett e Edward Bond, 2001.

*Osmo*, de Hilda Hilst, 2000.

*Tudo o que você sabe está errado*, textos de René Descartes e outro-a-s autore-a-s, 2000/2001.

*Carta aberta*, de Denis Guénoun, 1998/2007.

*Um artista da fome*, de Franz Kafka, 1998.

*R*, textos de Albert Einstein e outro-a-s autore-a-s, 1997.

*Valsa nº 6*, de Nelson Rodrigues, 1996.

## Leituras dramáticas

*Os autonautas da cosmopista* (2008), de Julio Cortázar.

*Atentados à sua vida* (2007), de Martin Crimp.

*Ruanda* (2007), roteiro e direção de Fabio Salvatti.

*Eu quero ser superficial* (2005/2007), de Elfriede Jelinek.

*Uma noite no teatro* (2002), de Michel Deutsch.

*Auto da barca de Camiri* (2000), de Hilda Hilst.

*Fragmento para teatro II* (2000), de Samuel Beckett.

*Kafka rindo* (1997), textos de Franz Kafka.

## Equipes de trabalho

### Trabalho cênico *Came*

Roteiro: Fernanda Azevedo e Fernando Kinas

Direção geral, espaço cênico e iluminação: Fernando Kinas

Elenco: Mônica Rodrigues e Fernanda Azevedo

Direção e execução musical: Eduardo Contrera

Assistência de direção e produção: Luiz Nunes

Pesquisa e tratamento de imagem: Fernando Kinas (colaboração de Gavin Adams)

Figurino: Fernanda Azevedo

Assistência geral e operação de luz: Sérgio Pessoa

Operação de som: Luis Henrique Soares

Programação visual: Paulo Emílio Buarque Ferreira

Registro audiovisual: Arte na Periferia (Daniela Embón, David Vidad, Peu Pereira)

Artista plástica: Marie Ange Bordas

Debatedora-e-s: Amelinha Teles, Laura Cymbalista, Tatau Godinho, Thais Helena Costa Nader,

Elaine Moraes Ruas Souza, Valéria Di Pietro, Christine Röhrig, Amauri Falseti, Siméia Ivo, Márcia

Carvalho, Renata Nery, Cida Lima, Jô Freitas, Raquel Moreno, Maria Lígia Prado, Isabel Loureiro,

Tatiane Coghi Ladeira, José Arbex Jr., Gislaine Santos, Rodrigo Medeiros, Sara Jane e Noema Prado

Comunicação: Daniele Ricieri (Evoé Comunicação)

Duração: 85 minutos

Aconselhável para maiores de 12 anos

### Oficina *As mulheres e os silêncios da história*

Ministrantes responsáveis: Fernanda Azevedo, Maysa Lepique, Mônica Rodrigues

Participação: Marie Ange Bordas

Produção: Luiz Nunes

### Encontros multiaerísticos *Festa & ideias*

Curadoria e organização: Dani Embón, Fernanda Azevedo, Fernando Kinas

Concepção de espaço/instalação: Marie Ange Bordas

Produção: Luiz Nunes

Participantes: Dj's Michelle, Marina Novaes e Bruna Provazi, Gunnar Vargas, Luca

Lorenzi e Paula Paz, Ligiana, Fuzarca Feminista, Hip hop Mulher, The Biggs, Cancioneiro

Genérico do Fim dos Tempos, Jairo Periafricana, Clariô, Sarau de Mulheres, Religare,

Atuadoras, Ocamorana, Espaço em Branco, Antropofágica, Humbalada, NCA - Núcleo

de Comunicação Alternativa, Ação Educativa, União de Mulheres de São Paulo, Ecologia

Urbana, Imagem, Sara e Potira, Pé na Jaca, Arte na Periferia, Intervezes, Movimento Livre

Leste, Sarau do Binho, Parabelo.

### Ciclo de filmes *Gênero em movimento*

Pesquisa e seleção de filmes: Fernanda Azevedo, Fernando Kinas

Equipe de apoio: Dani Embón, Daniele Ricieri

Debatedora-e-s: Graciela Rodríguez, Flavia Rios, Fabiana Ivo, Amelinha Teles, Marina Ganzarolli,

Eunice Gutman, Cleone Santos, Kika Silva, Sonia Coelho, Miriam Nobre, Carla Bezerra e Tiely Queen

Produção: Luiz Nunes

Parcerias: Centre Audiovisuel Simone de Beauvoir (Paris), NCA – Núcleo de Cultura

Alternativa, Ação Educativa, Marcha Mundial das Mulheres, Cine Mulher

### Registro em vídeo e documentário

Roteiro, direção e câmera: Peu Pereira

Câmera: David Vidad

Áudio: Daniele Embón

Edição: David Vidad, Peu Pereira

Realização: Coletivo Arte na Periferia

## Intervenções urbanas

Atuantes: Fernanda Azevedo, Fernando Kinas, Maysa Lepique, Mônica Rodrigues e convidado-a-s.  
Produção: Luiz Nunes

## Criação de ambientes/instalações

Artista responsável: Marie Ange Bordas

## Concepção e realização geral

Kiwi Companhia de Teatro/Cooperativa Paulista de Teatro

Projeto apoiado pelo Programa de Fomento ao Teatro para a cidade de São Paulo 2010/2011

---

## Endereços úteis na internet

<http://www.uniaodemulheres.org.br/home.php> [União de Mulheres] \* <http://www.mulhermedia.org.br> [Articulação Mulher e Mídia] \* [http://www.promotoraslegaispopulares.org.br/quem\\_somos.php](http://www.promotoraslegaispopulares.org.br/quem_somos.php) [Promotoras Legais Populares] \* <http://www.sof.org.br> [SOF - Sempre Viva Organização Feminista] \* <http://www.sof.org.br/marcha> [Marcha mundial das Mulheres] \* <http://hiphopmulher.ning.com> [Hip hop mulher] \* <http://atuadoras.org.br> [Grupo teatral Atuadoras] \* <http://mulhercooperada.wordpress.com> [Blog da Cooperada. Cooperativa Paulista de Teatro] \* <http://esperanca-garcia.blogspot.com> [Coletivo Cultural Esperança Garcia] \* <http://www.geledes.org.br/rss.html> [Geledés Instituto da Mulher Negra] \* <http://www.leimariadapenha.com> [Rede Social Lei Maria da Penha] \* <http://cuadernosfem.blogspot.com> [Convergencia de feminismos de izquierda] \* <http://www.bibliotecafeminista.org.br> [Biblioteca feminista] \* <http://www.feminismo.org.br/livre> [Universidade livre feminista] \* <http://www.ieg.ufsc.br/index.php> [Instituto de estudos de gênero] \* [www.eubrasileira.wordpress.com](http://www.eubrasileira.wordpress.com) [Projeto Eu Brasileira] \* <http://nucleogenerosb.blogspot.com> [Maçãs podres] \* <http://www.actitudmariamarta.blogspot.com> [Hip hop feminino argentino - Actitude María Marta] \* [http://viva.mulher.blog.uol.com.br/arch2009-07-16\\_2009-07-31.html](http://viva.mulher.blog.uol.com.br/arch2009-07-16_2009-07-31.html) [Blog Viva Mulher] \* <http://www.muje共和icas.com.ar> [Mujeres Públicas] \* <http://www.muje共和icando.org> [Mujeres Creando] \* <http://www.guerrillagirls.com> [Guerrilla Girls] \* <http://www.amulhernaliteratura.com.br/abertura.html> [Mulher na Literatura] \* <http://hemi.nyu.edu/por/about/index.shtml> [Instituto Hemisférico de Performance e Política] \* <http://www.gresolart.com/web/es/fem-2010-introduction&seccio=27a> [Encontro Internacional de Artistas Mulheres] \* [http://www.muje共和enred.net/article.php?id\\_article=436](http://www.muje共和enred.net/article.php?id_article=436) [Mujeres en Red. El periódico feminista] \* <http://vimeo.com/13125905> [Controle Social da Imagem da Mulher na Mídia] \* <http://www.glefas.org> [Grupo Latinoamericano de Estudio, Formación e Ação Feminista] \* <http://www.umoutroolhar.com.br> [Rede de Informação Um Outro Olhar. Direitos das mulheres lésbicas no Brasil] \* [http://www.esquerda.net/virus/index.php?option=com\\_content&task=view&id=79&Itemid=26](http://www.esquerda.net/virus/index.php?option=com_content&task=view&id=79&Itemid=26) [Feminismo(s) e marxismo: um casamento mal sucedido. Revista Vírus] \* <http://www.cimacnoticias.com/site/CIMAC.7.0.html> [Comunicación e Información de la Mujer] \* <http://www.cinemulher.blogspot.com> [CineMulher] \* <http://www.womenonweb.org/index.php?lang=pt> [Interrupção voluntária da gravidez] \* <http://www.cimacnoticias.com/site/CIMAC.7.0.html> [Jornalismo com perspectiva de gênero] \* <http://www.centre-simone-de-beauvoir.com/index.html> [Centro audiovisual Simone de Beauvoir] \* <http://www.mst.org.br> [Movimento do-a-s trabalhadore-a-s rurais sem terra]

## Agradecimentos

Diana Azevedo, Nilza Sá Earp, Aurora Santangelo, Ana Clara Kinas Tavares, Clara Willer, Dione Mendes Kinas, Solange Ferraz de Lima, Helena Hirata, Michelle Perrot, José Correa Leite, Isabel Loureiro, José Arbex Jr., Fábio Kinas, Vânia Carneiro de Carvalho, Eleilson Leite, Marina Aragão Wahlbuhl Gonçalves, Thais Helena Costa Nader, Elaine Moraes Ruas Souza, Gustavo Augusto Soares dos Reis, Bruno Shimizu, Laetitia Puertas, Nicole Fernández Ferrer, Binho e o povo do sarau, Adilson Fernandes, Renan Henrique André, Carlos e Miguel, Dona Alaíde e Dona Olívia, Beth Brait Alvim, Orlando Rodrigues, Rosilda de Toledo, João Correa de Souza, Carlos Kinas Sobrinho, Rede Livre Leste, Daniel Marques, Maíra Kubik, Gabriela Sá Earp, Tica Moreno, Camila Furchi, Célia, Nalu Faria, Rosângela Rigo, Cia Estável, Clariô, Pombas Urbanas, Brava Companhia, Paidéia, Osvaldo Pinheiro.

Agradecemos especialmente às dezenas de adolescentes, jovens e mulheres que ao participarem deste trabalho não apenas permitiram que ele cumprisse seu papel, mas, em alguma medida, apropriaram-se dele.



## Insepultas

Dor e resistência. Descaso e memória. Silêncio e grito. Denúncia e homenagem. Abuso e indignação. Corpo e objeto. Algoz e vítima. Opressão e luta. Público e privado. Íntimo e coletivo. Um espaço desafiador que agride e dispersa. Seco. Como transformar este espaço para acolher todas as dualidades encontradas neste ano ouvindo e acumulando tantas vozes de nós mulheres? Como criar um antídoto a um sistema que coisifica nossos corpos, banaliza nossas vontades, subestima nossa inteligência em imagens falsas, estereotipadas e apelativas?

O espaço não é belo, agride, tal qual o sistema onde vivemos, desigual e violento. O mundo agride. A mulher resiste. Resiste à tirania do poder. Resiste ao absurdo da violência. Resiste ao descaso da história. Como inserir neste espaço a resistência? Como acolher nele todas estas vozes? Textos acadêmicos, estatísticas, poemas, páginas policiais, análises históricas, comentários inflamados pós encenações nos lugares mais variados, depoimentos espontâneos, conversas íntimas... vozes múltiplas buscando acolhida.

Em meio a tantas interrogações e conteúdos, encontrei nos depoimentos das mulheres torturadas pela ditadura no Brasil, na voz pungente de mulheres africanas estupradas pelos conflitos que nossa ganância consumista gera e nas histórias ainda púberes de jovens paulistanas um eco de Antígona. Antígona, como símbolo de resistência, de liberdade de consciência, de desafio à opressão. E deste ecoar surge uma vontade simples: transformar o espaço seco em local de homenagem calorosa àquelas que ousam e ousaram lutar, seguir vivendo, sem resignar-se, nunca.

Marie Ange Bordas, artista convidada



[Com a intenção de criar novos espaços de reflexão e intervenção, o grupo convidou para este projeto a artista visual Marie Ange Bordas. Ela participou de diferentes etapas do projeto e desenvolveu uma pesquisa pessoal sobre o tema.

A partir destes processos a artista criou um espaço/ambiente instalativo que dialoga com o evento cênico geral, sem perder sua autonomia autoral.]



O projeto Carne – Patriarcado e capitalismo é apoiado pelo Programa de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo 2010-2011.

realização



TEATRO COLETIVO

apoio

